

A prática da capoeira: pinceladas pedagógicas, filosóficas e psicanalíticas

The practice of capoeira: pedagogical, philosophical and psychoanalytic brushstrokes

Jeferson do Nascimento Machado

Graduando em História Licenciatura pela Universidade Estadual Centro-Oeste (UNICENTRO).

E-mail: jeferson075@gmail.com

Resumo: O presente artigo discute a prática da Capoeira dentro de três perspectivas, quais são: pedagógica, filosofia e psicanalítica. Ele foi desenvolvido a partir da coleta de dados da revista *Praticando Capoeira* e da experiência do autor do artigo, que é praticante dessa arte. Os dados obtidos foram analisados levando em conta as ponderações de filósofos como Nietzsche, pedagogos como Gallo e psicanalistas como Reich.

Palavras-chave: Capoeira. Pedagogia Libertária. Corpo. Arte.

Abstract: This paper discusses the practice of Capoeira within three perspectives, which are: educational, philosophical and psychoanalytic. It was developed from the data collection of the journal *Praticando Capoeira* and from the experience of the author of the article, who is a practitioner of this art. The data obtained were analyzed taking into account the weights of philosophers like Nietzsche, of pedagogues like Gallo and of psychoanalysts like Reich.

Keywords: Capoeira. Libertarian Education. Body. Art.

1 Introdução

A capoeira emergiu como luta de libertação do negro escravo, no contexto do Brasil Colônia. Por ter sido criada como ferramenta para a libertação, ela desenvolve-se historicamente por um viés libertário. Tendo emergido como luta de libertação, a capoeira tem uma história que difere de outras lutas, expressões culturais e artísticas. Por isso, ela não se adapta a nenhuma fácil definição, o que nos leva a usar termos como luta, dança etc., como forma ilustrativa e didática. Porém, neste estudo, optaremos por chamá-la de arte¹, pois nos parece um conceito mais abrangente que pode dar conta, ao menos por um momento, daquilo que pretendemos tratar.

Analisaremos a capoeira dentro de três perspectivas: pedagógica, pelo viés libertário; filosófica, pelo olhar nietzschiano; e psicanalítica, à luz reichiana. No que diz respeito ao olhar pedagógico sobre a capoeira, frisaremos seus aspectos coletivos e autogestionários, levando em conta que a capoeira é libertária na proporção que – diferente de muitas outras expressões – ela não possui um engessamento na sua configuração, sendo seu foco a construção da liberdade. Na perspectiva nietzschiana, a

¹ Aqui a arte é pensada no sentido nietzschiano: manifestação das potências ativas.

capoeira será pensada como arte afirmadora da vida, levando em conta que Nietzsche via na dança um componente essencial para uma educação nobre. Em relação ao olhar psicanalítico, levaremos em conta as funcionalidades terapêuticas da capoeira, capaz de eliminar tensões psicossomáticas, por meio de sua capacidade de oportunizar ao capoeirista a exploração seu próprio corpo, de forma a acessar locais completamente estranhos à maioria das pessoas. Assim sendo, ela constituiu-se numa expressão corporal que anseia a liberdade, aumentando as potencialidades do praticante, eliminando neuroses e promovendo a harmonia social.

Usaremos, para fins desta abordagem, a experiência do autor deste artigo com a capoeira que, por um determinado tempo, foi praticante dessa arte; e, sobretudo, utilizaremos a revista *Praticando Capoeira*, como fonte principal para a extração de dados. Vale salientar que as revistas não foram escolhidas por acaso, visto que o autor deste artigo possui ampla informação sobre elas, tendo feito uso de algumas delas para uma pesquisa de Iniciação Científica.

2 A capoeira como resistência à opressão

A capoeira nasceu como luta de libertação e resistência cultural dos negros, no Brasil Colônia. Como libertação, é perceptível a questão marcial; como resistência cultural, é visível os elementos tradicionais africanos que ainda permanecem vivos na capoeira. Sendo assim, ela nasce com esses duplos aspectos. Até o início do século XX, a capoeira manteve seu aspecto marcial, contudo, logo adiante, ela passa a dar ênfase em outras partes, trabalhando seus aspectos lúdicos, o que a leva para o âmbito da expressão artística.

Nessa época de transição, em que a capoeira deixava seus aspectos de luta, para tornar-se uma arte, nascia a Capoeira Regional de mestre Bimba, em Salvador-BA, em 1928, com fortes traços marciais, numa tentativa de reafirmá-la como luta moderna, não conseguindo, no entanto, afastá-la de seus elementos artísticos. Em paralelo com a capoeira de mestre Bimba, nascia a Capoeira Angola de mestre Pastinha, com fortes elos com a capoeira tradicional, focada no aspecto lúdico, levando a capoeira à categoria de arte.

A Capoeira Angola tornou-se mais expressiva e liberta da mumificação das lutas marciais. Por conseguinte, a capoeira Angola abriu espaço à improvisação e aos movimentos – além dos moldes estabelecidos – dando liberdade aos capoeiristas para que criassem seu próprio jogo, sem a necessidade de repetir *ad infinitum* as mesmas movimentações impostas pelos mestres. No entanto, vale salientar que a capoeira de hoje (denominada de capoeira contemporânea), independente da linhagem, acaba por incluir os dois estilos: angola e regional e elementos de outras artes. Essa mescla, que alguns têm chamado de capoeira contemporânea, na verdade, é a capoeira em sua essência: libertária.

3 Mestre Bimba e Mestre Pastinha

Mestre Bimba, criador da capoeira Regional, jamais se curvou perante as autoridades. Em 1971, no auge da ditadura civil militar brasileira, o criador da

Regional deixou claro sua posição perante as autoridades. Nesse ano, Mestre Bimba fez uma apresentação de capoeira em uma feira agropecuária, em Goiânia, e ali estava o General Garrastazu, o então presidente da época. Segundo Mestre Cafuné, que foi aluno de Bimba,

neste dia, findo a exibição, Bimba já se retirava quando alguém da comitiva do Presidente o chamou pelo nome e ele fingindo não ter ouvido, continuou a andar. Ante o aviso de Mãe Alice de que gente do Presidente o chamava, Bimba sem se deter disse “deixe esse filha da puta vir atrás de mim” (REVISTA *PRATICANDO CAPOEIRA*, 2005, p. 33).

Conforme Campos (2009), Vicente Joaquim Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), conhecido como Guardião da Capoeira Angola, nasceu no dia 05 de abril de 1889, em Salvador, e morreu no dia 13 de novembro. Mestre Pastinha fez um excelente trabalho de resistência cultural, mantendo a capoeira, mesmo em meio a dificuldades. Em 1967, mesmo cego, ainda seguiu na luta. Morreu na miséria em um abrigo, no entanto, sua vida pela capoeira o tornou Guardião da Capoeira Angola e sua capoeira é um norteador histórico da capoeira.

Mestre Pastinha definiu a capoeira como “mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu principio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio dos mestres” (SERGIPE, 2006, p. 13). Dessa forma, Mestre Pastinha pensava a capoeira como expressão da constante busca da liberdade daquele que está escravo. Sua definição diz que não há um método na capoeira, pois método sempre tentará enquadrar e, sendo assim, não ajudará a livrar aquele que se encontra preso, pois ele próprio tem que encontrar em si mesmo o método de libertação. A ideia de que a capoeira tem “seu fim inconcebível” demonstra uma quebra com a temporalidade evolucionista (sentido de progresso), a qual é tão comum nas outras artes marciais. Desse modo, a capoeira não possui um fim, sendo sempre um instante: uma afirmação total do presente.

4 O corpo em Reich e Nietzsche

Reich, assim como a capoeira, possui uma história libertária. Sua vida foi uma luta constante pela liberdade, chegando a polemizar em seus dias e ainda hoje, devido à ideia de liberdade sexual dos jovens. Para Reich, os jovens viviam reprimindo seus desejos naturais e isso tinha reflexo direto sobre sua vida juvenil e depois sobre sua vida adulta, que continuaria a reprimir seus desejos e reproduzir, na juventude, essa repressão sexual.

Reich percebeu que a repressão sexual tinha reflexo sobre o corpo e a vida dos indivíduos, as repressões dos desejos do corpo criavam couraças e enrijecimento de caráter, o que levava a sociedade a ser também uma negadora dos corpos e controladora dos mesmos. Conforme Pereira e Richter (2004, p. 1), “há uma reciprocidade na formação das estruturas de caráter da sociedade e do indivíduo, ou seja, o caráter do homem encorajado produz instituição encorajadas e vice-versa”. Assim sendo, temos, em nossa frente, um problema gravíssimo que, de alguma forma,

deve ser resolvido, e o caminho para isso é a libertação do corpo e a fluidificação dos desejos. Segundo Afonso (2005, p. 10),

Reich enfatizava que as enfermidades psíquicas são as conseqüências do caos sexual da sociedade, que esse caos tem a função de sujeitar o indivíduo às condições dominantes e de interiorizar as dinâmicas externas da vida, tornando o homem totalmente dependente de um código social e incapaz de agir.

Reich, partindo desses pressupostos, criou um novo método terapêutico para liberação de energia corporal reprimida: a cura por meio do corpo. Segundo Reich, se o corpo fosse deixado a agir livremente, sem uma moral e imposição de valores, ele próprio se regularia, pois iria fluir em suas energias vitais, dando espaço para a eliminação das tensões. Conforme Afonso (2005, p. 10), Reich confiava que “as energias vitais regulam-se naturalmente, quando não tem obrigação ou moralidade compulsiva, que ambas são sinais de existência de impulsos anti-sociais, que são produzidos pela eliminação de uma vida natural e saudável”.

Reich pensa o homem como um todo, fugindo da dualidade cartesiana de corpo/alma. Desse modo, corpo e psique faziam parte de uma mesma coisa, sem qualquer hierarquia. Sendo o corpo o todo, logicamente problemas psicológicos afetavam o corpo e o problema do corpo afetaria a psique, logo que era a mesma coisa. Desse modo, Reich desenvolveu terapias com o corpo para libertar as tensões por meio da eliminação das couraças: a vegetoterapia. Conforme Kuhn (2008, p. 7),

a vegetoterapia considera que todas as doenças, físicas e/ou emocionais, tem origem em bloqueios de energia (a esses bloqueios energéticos chamamos “couraças”) que se formam em épocas específicas do desenvolvimento de cada ser e se fixam em zonas do corpo bem delimitadas.

Em seus estudos, Reich identificou sete regiões, em que se desenvolvem as couraças, as quais ele denominou de seguimentos. Os seguimentos são ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico (AFONSO, 2005). Esses seguimentos, devido aos episódios que oprimem o indivíduo, criam bloqueios para o movimento das energias vitais. Sendo assim, somente com o corpo agindo em liberdade, ele voltará a fluir energicamente e entrar em contato com seus impulsos naturais, aquilo que Reich denominou como caráter genital, que seria a camada genuína do indivíduo.

Vale frisar, conforme Pereira e Richter (2004) salientam – por meio da análise das obras *Análise de Caráter*, *Psicologia de Massa do Fascismo*, *A Revolução Sexual*, *Escuta Zé Ninguém*, *Children of the Future* e *O Assassinato de Cristo* – que a essência humana está coberta por meio de duas camadas: uma superficial, que é uma vestimenta criada pela cultura, e uma segunda camada, que reveste os impulsos cruéis, as castrações e as privações. E abaixo dessas três camadas se encontra o caráter genital, que seria a essência do homem, em que não há espaço para repressão dos desejos, mas para os impulsos naturais. Aqui estaria o grande intuito de Reich que, por meio do desencouraçamento, pretendia chegar a essa essência.

Nietzsche, assim como Reich, não pensa corpo e mente de forma separada. Nietzsche (1977, p. 27), no capítulo “Dos que Menosprezam o Corpo”, do seu *Assim Falava Zaratustra*, deixa claro essa visão quando fala: “‘eu sou corpo e alma’ - assim diz a criança. – E porque se não de falar como as crianças? Porém o que está desperto e atento diz: ‘tudo é corpo e nada mais; a alma é simplesmente o nome de qualquer coisa do corpo’”.

Nietzsche critica a noção corpo e alma e “considera ser a matriz do modo de pensar metafísico” (1977, p. 10), assim sendo, “ele diz que para erguer o enorme edifício metafísico da modernidade bastou a superstição da alma” (MOREIRA, 2006, p. 10-11). Conforme essa mesma autora, para superar a dualidade, Nietzsche oferece a ideia de um “corpo como multiplicidade de impulsos em luta” (p. 11), assim sendo, alma e mente é pensada em um mesmo registro: “da multiplicidade de impulso em combate” (p. 11). Assim, Nietzsche “esboroa a separação entre os domínios fisiológicos e psicológicos e apresenta uma *fisiopsicologia*” (MOREIRA, 2006, p. 11).

A negação do corpo e da terra em Nietzsche se torna um pecado grave: o pecado original. A ideia de impor limites às vontades, desde as mais básicas, em nome de um além mundo, é a negação plena da vida, por isso a crítica ao cristianismo, já que este pregava o sacrifício do corpo, por meio da castidade, para ganhar o céu. Nietzsche se posiciona desfavorável a qualquer ideal que aniquile a vida, a vida em função de ideais é a negação dela. Nem o céu dos cristãos, nem o paraíso dos ideais, mas sim a volta para si mesmo, para a terra e o corpo: para os instantes de vida.

5 Capoeira como ferramenta educacional libertária

O corpo é quase sempre desassociado do processo de aprendizado, e isso se deve a nossa construção histórica ocidental, a qual separou o corpo da mente. A dualidade cartesiana corpo/alma e a negação do corpo, originada no cristianismo, tiveram grande impacto no mundo ocidental e, por conseguinte, na educação. Depois, com o advento do capitalismo, o corpo tornou-se produto e lugar de ornamentos. Em algumas vezes, o corpo aparece como elemento secundário: um elemento de fundo de nossos complexos funcionamentos mentais. Em outras ocasiões, o corpo desaparece. Sendo assim, nosso corpo é praticamente excluído de nossa sociedade.

Na perspectiva de uma pedagogia libertária em que os indivíduos, junto ao coletivo¹, são novamente valorizados, o corpo deve ser inserido na problemática educacional, pois o conhecimento de si, o cuidado de si e o reconhecimento como sujeito corporal, social e histórico é uma alavanca para a autogestão e o autogoverno. Portanto, o corpo, de um ponto de vista libertário, passa a ser não somente uma coisa orgânica ou um suporte para a psique, mas um elemento fundamental para a constituição do sujeito.

¹ A relação indivíduo/sociedade, no Anarquismo, é essencialmente dialética: o indivíduo, enquanto pessoa humana, só existe se pertencente a um grupo social — a ideia de um homem isolado da sociedade é absurda; a sociedade, por sua vez, só existe enquanto agrupamento de indivíduos que, ao constituí-la, não perdem sua condição de indivíduos autônomos, mas a constroem. A própria ideia de indivíduo só é possível enquanto constituinte de uma sociedade (GALLO, 2007, p. 20).

Conforme Farah (2010, p. 402),

a primeira questão que se impõe ao tratarmos do tema “corpo”, considerando-o em diferentes aspectos e dimensões, é a necessidade de aceitarmos a condição de que somos sujeitos-corpos, isto é, entendermos o corpo como nossa identidade, nossa unidade de existência que nos dá visibilidade e acesso ao mundo.

Dessa forma, o corpo se insere como identidade/sujeito, de tal modo que a negação do corpo torna-se a anulação do sujeito, ou melhor, a negação do corpo significa a construção de um sujeito passivo e dócil às autoridades. O sujeito, quando forçado a negar o corpo, anula sua capacidade criativa de lidar com o mundo, passando a ser sujeito passivo e obediente no âmbito social. A negação do corpo produz uma mente mecânica facilmente guiada pelas instituições de poder: a primeira dominação começa pelo corpo.

O médico e psicanalista Wilhelm Reich, em sua obra *Psicologia de Massa do Fascismo*, percebe que existe todo um mecanismo social que impõe limitações sobre os impulsos biológicos primários, o que leva à construção de sujeitos dóceis e preparados para o domínio. Em relação ao estudo do fascismo – elaborado por Reich – o psicólogo e somaterapeuta João da Mata (2014, [S.P.]) explana que,

para Reich, o fascismo é a expressão da estrutura irracional do caráter do homem médio, decorrente do bloqueio das necessidades biológicas primárias e seus impulsos. Sua crítica vai além da análise econômica que o marxismo propunha e se dirige para o entendimento dos fatores como a infelicidade emocional, fruto da miséria sexual. Segundo ele, ‘a inibição moral da sexualidade natural na infância, cuja última etapa é o grave dano da sexualidade genital, torna a criança medrosa, tímida, submissa, obediente, ‘boa’, e ‘dócil’, no sentido autoritário da palavra’.

A primeira crítica relacionada à negação do corpo é encontrada ainda no século XIX, em Nietzsche. Para ele, a negação do corpo é a própria negação da vida, pois é no corpo que se insere toda a vida: sem corpo não há vida. Por isso, em seu livro *Assim Falava Zaratustra*, Nietzsche (1977, p. 25) diz: “Aos que menosprezam o corpo quero expor minha opinião. O que devem fazer não é mudar as regras, porém simplesmente dizerem adeus ao seu próprio corpo e, por conseguinte, ficarem mudos”.

Essa provocação que Nietzsche faz, por meio de seu personagem Zaratustra, e outras relacionadas ao corpo, que podem ser encontradas ao longo de sua vasta obra, são de extrema importância e surtirão efeito em muitos intelectuais do século XX e, posteriormente, do nosso século. Como foi dito, essa fala sobre o corpo não é a única em Nietzsche, pois sua vasta obra tem sua base fundamental no corpo e na terra, sempre mantendo a crítica e o olhar ferrenho sobre aqueles que abdicaram do corpo.

Não levamos essa provocação ao pé da letra, pois ela é mais uma provocação do autor do que propriamente uma ordem. E a que nos leva essa provocação? Leva-nos a pensar exatamente ao contrário da opinião do autor, e talvez fosse isso o que pretendia com essa provocação: leva-nos a pensar em mudar as regras, ou melhor, arrancar as regras que determinam o corpo, a partir de uma reeducação. Assim sendo, ao invés de

emudecermos por completo o sujeito, devemos reanimá-lo e inseri-lo no mundo como sujeito ativo.

A padronização do corpo não é produto unicamente do cristianismo, mas também da racionalidade. Quer dizer, se o cristianismo ditou regras para o corpo em nome de Deus, o racionalismo mecanizou o corpo em nome da ciência. Em suma, a racionalidade tentou pensar o corpo numa perspectiva de perfeição, e perfeição aqui deve ser entendida como padrão, pois a ciência busca esses padrões e, quando não encontra, tenta criá-los.

A ciência, e aqui falamos daquela positivista, tende a ver o homem como máquina e guiá-lo para tal. O caos do corpo, a liberdade por qual é movida, assusta quem procura encontrar padrões: por isso a padronização do corpo. E quando se padroniza o corpo, a sociedade também se padroniza, dando, assim, a facilidade de compreendê-la fora do dinamismo: agora tudo é previsto.

Com o capitalismo, o corpo tornou-se um produto a ser vendido e um lugar de ornamentos. Em suma, é vendido um corpo padrão e todos devem pagar para possuí-lo, caso contrário, serão excluídos da sociedade. Aqui fica visível o papel das academias, das cirurgias plásticas, da redução de estômago, da lipoaspiração etc. Em relação aos ornamentos, vende-se um estilo, um visual que se consegue com adereços: joias, roupas, maquiagem etc.

Percebemos uma dificuldade de o sujeito sentir o seu corpo e fluir suas potencialidades. O corpo fica determinado por todos os lados (religião, ciência, economia etc.). Como fugir dessas determinações? A resposta é complexa, pois necessitaríamos de um trabalho amplo no qual fossem incluídas as mais variadas ferramentas para o retorno do sujeito ao corpo e à terra. No entanto, pelo viés de uma pedagogia libertária, a educação tem um papel fundamental, cabendo a ela auxiliar o retorno do sujeito ao corpo e à terra.

A educação tradicional – ainda arcada sobre os valores positivistas, cristão e, no caso do Brasil, ainda com resquícios do autoritarismo do Regime Militar – tem reforçado a negação do corpo e sua banalização. A educação tem sido reprodutora da repressão do corpo, portanto ela tem exercido um papel conservador dos valores capitalistas, cristãos e racionalista (positivismo). Assim sendo, cabe aos professores – aqueles que ainda não foram completamente doutrinados pelo viés conservador das escolas – fazer com que os educandos percebam-se como sujeitos corpóreos, e aos poucos vão reafirmando a vida e exercendo suas potencialidades.

O corpo tem papel fundamental na educação, pois a forma como percebemos o corpo e o utilizamos irá organizar nossa conduta no mundo. A passividade do sujeito no mundo é produto da negação do corpo e da doutrinação niilista feita pela religião, pela família, pela escola etc. Desde a infância, o corpo deve ser incluído no processo de ensino. Porque, conforme Levin (2005, [s.p.]), “o corpo e os gestos são fundamentais para a formação geral do ser humano. Desde que nasce, a criança usa a linguagem corporal para conhecer a si mesma, para relacionar-se com seus pais, para movimentar-se e descobrir o mundo”.

O corpo só é afirmado no movimento, quer dizer, ele necessita de deslocamento para reconhecer-se. E, no movimento, o conhecimento se amplia. Em suma, é preciso dançar com o corpo para aprender dançar com as ideias. Sendo assim, quem se

movimenta reafirma o corpo e a vida e, por conseguinte, estimula seus processos psíquicos. A escola onde os alunos passam todo tempo imóveis, sentados e calados não é um modelo viável para quem pretende um mundo com pessoas criativas.

Os educandos necessitam de uma educação que não proíba de sentirem o seu próprio corpo. As crianças e os jovens necessitam de uma educação que estimule a afirmação do corpo. Sentar em círculo, no chão ou promover jogos em que o corpo seja utilizado contribui para uma educação libertária e para a volta do corpo ao sujeito.

O movimento e o estímulo do corpo são essenciais para a psicomotricidade. Conforme Batista (2006, p. 8),

o conhecimento do próprio corpo, através de movimentos, proporciona o desenvolvimento global do indivíduo de forma irreversível. Através de exercícios lúdicos, como brincar, saltar, cantar e correr, são reveladas emoções e sentimentos que a criança poderá compartilhar com seus pares.

A dança, as lutas e os jogos corporais deveriam ser usados sempre no processo de ensino-aprendizagem, não somente nas aulas de Educação Física, mas em todas as disciplinas.

A educação anarquista ou pedagogia libertária emergiu no final do século XIX, no Orfanato Prévost, em Paris, a partir do francês Paul Robin. Robin considerava a educação na perspectiva da formação intelectual e da construção de saberes originais por meio da experiência. Já no início do século XX, em Barcelona, Ferrer Guardiã fundou a Escola Moderna, que possuía um método racional, integral, cooperativo, de respeito mútuo e de igualdade de gênero. No ano de 1909, Ferrer foi preso e condenado à morte por fuzilamento pela monarquia espanhola. As escolas criadas por ele foram fechadas em 1939, com a ascensão do fascismo. No entanto, as ideias de Ferrer permaneceram e renasceram na América, principalmente no Brasil (PASCAL, 2006).

A Pedagogia Libertária, conforme Gallo (2007), inclui teorias e métodos educacionais inscritos no contexto das teorias educacionais modernas, sendo que, diferente de tantas outras teorias modernas, ela é fundamentada na ideia de educação integral, antiautoritária, autogestionária (diretiva), não separação do saber/fazer e do homem como produto social. Portanto, a pedagogia libertária pode ser vista como uma ferramenta de construção da liberdade e da igualdade, em que o indivíduo e o coletivo, por meio de uma relação dialética, voltam a ser a essência social.

A pedagogia libertária – com seus pressupostos de uma educação integral, autogestionária, que valoriza a diversidade e a emancipação social – se aproxima bastante da prática da capoeira. Para Cherubini (2014, p. 121),

a pedagogia libertária é defendida por muitos como sendo uma alternativa para a prática emancipadora de qualidade, estando fundamentados em princípios de autogestão, afirmação da liberdade, princípios federalistas de governo. Essas características, quando aplicadas ao ensino provocaria uma ruptura dos paradigmas liberais perpassados na estrutura de ensino dualista.

Assim como a pedagogia libertária, a capoeira é integral, ou seja, não exclui ninguém do processo de ensino-aprendizagem; é a dança das cores, dos gêneros, das classes, da pluralidade. Assim sendo, acreditamos que a capoeira pode ser uma ótima ferramenta educacional, capaz de integrar a diversidade, de trazer o espírito autogestionário e de ensinar a liberdade como prática coletiva.

A capoeira tem por base a autogestão. Em suma, acontece livremente. A roda acontece no improvisado, assim como a vida, não há ensaios e podemos ser surpreendidos por coisas que nossa racionalidade não captou. A capoeira, desse modo, ensina a lidar com a novidade, sem temê-la, pois ela não racionaliza os movimentos.

Conforme o Mestre Suassuna,

a capoeira não precisa ser organizada. Por mais que a gente queira melhorar isso ou aquilo ela acaba dando uma rasteira na gente e mostrando que capoeira é capoeira. A capoeira se organiza por si só, ela organiza a pessoa. [...] O objetivo do nosso trabalho é a união, a fraternidade, a integração. (REVISTA *PRATICANDO CAPOEIRA*, Ano III, 2004, nº 25, p. 26-27).

As palavras do Mestre Suassuna deixam claro o aspecto libertário da capoeira, pois mostram que a “capoeira organiza por si só” e ainda “organiza a pessoa”. Portanto, a capoeira funciona não por regras, mas pela organização coletiva. O encontro com a pedagogia libertária se firma, ainda mais, quando o mestre afirma que “nosso trabalho é a união, a fraternidade, a integração” (2004, p. 27).

Os aspectos libertários da capoeira fazem com que a ela não se construa por definitivo, ela sempre está em constante reconstrução. Ela se configura de acordo com as necessidades libertárias de cada tempo e espaço. Ela não marcha para um fim, pois ela é cíclica, assim como o desenrolar do social no tempo: a história. Só existe uma coisa de imutável na capoeira: sua essência libertária, pois esta é uma necessidade para ela não ser estática.

A capoeira, desde muito cedo, incorporou a diversidade social, o que fez com que reforçasse ainda mais seus aspectos libertários. A capoeira, já na primeira metade do século, possuía uma diversidade de gêneros, de idade, de etnia e de classe. Figuras como Madame Satã, capoeirista homossexual eternizado pela tradição capoeirista, demonstravam a capoeira como acolhedora daqueles considerados anormais. Uma roda de capoeira era/é marcada pelo encontro do diverso, e talvez seja esse o motivo da capoeira ser algo tão diferente das outras manifestações artísticas, pois ela veio se construindo historicamente por meio do contato com a diversidade.

A capoeira, devido a sua forma lúdica, de movimentos incomuns, ajuda a atingir partes do corpo dormentes que, dificilmente, no cotidiano, alguém conseguiria atingir. Conforme Freire e Mata (1993, p. 18), a “capoeira mobiliza praticamente todos os músculos do corpo, liberando a energia estagnada”.

A energia do capoeirista na roda é fruto do desencorajamento, por isso todo capoeirista comenta sobre a sensação prazerosa da roda e a sensação existencial plena. Capoeiristas, em sua totalidade, comentam sobre a sensação existencial e a força para vida, durante e depois de uma roda de capoeira. E isso se deve pela quebra das couraças que são constantemente construídas nos seguimentos, devido a uma

constante negação da vida que nos é imposta no trabalho, na escola, na universidade, no cotidiano, na família etc. A capoeira, por não estabelecer um parâmetro de jogo (um ideal de jogo), deixa o capoeirista fluir livremente, de modo a atingir partes do corpo impossíveis de atingir no movimento cotidiano (que é padronizado e estático).

A roda de capoeira rompe as barreiras de movimentação permitidas dentro do mundo ocidental cristão; tocar o chão já não é mais anormal, rir já não é mais um pecado. O homem ocidental se tornou um negador da terra e do corpo, e isso cria barreiras e o limita. Assim sendo, o contato com o chão, com a terra, é a religação do homem com a natureza. Em suma, é a volta do homem para a terra.

O riso, que por muito tempo foi condenado, é considerado por Nietzsche (1977) como elemento santificado e nobre. Nas palavras do autor (p. 225), “esta coroa do risonho, esta coroa de rosas: eu a voz lanço, meus irmãos!”. E este riso, que é santificado, é elemento essencial na roda de capoeira, mesmo numa queda, o riso está presente, e ele sempre surge de forma livre. A capoeira se diferencia das lutas, em geral, por este detalhe: a alegria. Não há necessidade de mostrar raiva perante o adversário, na capoeira é com o riso que se vence.

O ressentimento não faz parte da capoeira, que é tão comum em tantas lutas, o capoeirista cai e levanta, e levanta rindo. Um ressentido não ri, no entanto, o capoeirista ri sempre e faz do riso uma coroa. A capoeira, que é uma luta de resistência, nascida em situação extrema, jamais se tornou um *espírito de gravidade*¹ (1977), os negros trouxeram o riso para a luta, venceram o adversário rindo e reafirmando a vida em cada instante.

O capoeirista se esfrega no chão, coloca as mãos sobre o solo (ligando-se à natureza), levemente encosta-se a seu adversário (sentido a existência do outro) e, por meio da expressão corporal (nascida de sua essência, lá onde não há imposições), ele liga-se a si mesmo, reconhecendo-se em sua essência, de modo a romper as couraças.

O capoeirista é uma criança. Sendo assim, ele está livre, fluindo de forma criativa. É comum, nos meios capoeirísticos, a ideia de jogar como uma criança, que significa jogar livremente de modo a emocionar os outros participantes com a sua liberdade. Nietzsche (1977), em seu livro *Assim Falava Zaratustra*, nos fala sobre a metamorfose dos três espíritos: o camelo, o leão e a criança; o camelo como aquele que carrega todo o peso (valores), o leão como destruidor dos pesos (dos valores) e a criança como criadora de novos valores.

O capoeirista, desse modo, pode ser entendido, em seu início (capoeirista principiante, aquele que ainda não fluíu completamente), como camelo; em seu amadurecimento, como leão e, em seu ápice, como criança. No sentido artístico, o capoeirista é trágico – está no equilíbrio entre Dionísio e Apolíneo – e seu jogo dentro da roda de capoeira é um instante reafirmado em si mesmo, sobre o qual o capoeirista transcende a noção de tempo cristão (linear) para um tempo cíclico, que o instante está em si mesmo, de certo modo, sem um passado e sem um futuro, somente um ato voltado para o instante que reafirma a si mesmo.

No entanto, vale salientar que o capoeirista reafirma o instante em um processo coletivo e autogestionário, que é a roda de capoeira. No jogar com o outro é que se

¹ Niilista, sem vontade, negador da vida.

reconhece a si e ao outro, aceitando a diversidade do mundo e reafirmando a vida. Em suma, a roda de capoeira constrói a liberdade coletivamente. A capoeira é um processo coletivo de construção da liberdade.

Conforme Gallo (1997, p. 29),

conhecemos o célebre debate que Bakunin trava com Rousseau em *Dios y el Estado*. Para o anarquista russo, a liberdade não é um dom natural de cada um, mas uma construção histórica só possível coletivamente. Ela deve ser conquistada e construída. O que equivale a dizer que os indivíduos precisam aprender a ser livres.

6 Considerações finais

O objetivo deste estudo – que era analisar os dados obtidos sob a perspectiva da pedagogia, da filosofia e da psicanálise – foi alcançado na medida em que encontramos, na capoeira, seus aspectos coletivos e autogestionários, apontando a possibilidade do seu uso como instrumento pedagógico. Também, por meio de Nietzsche, percebemos a capoeira como arte afirmadora da vida. Em relação ao olhar psicanalítico, ficaram perceptíveis as funcionalidades terapêuticas da capoeira. Desse modo, a capoeira demonstrou ser uma expressão corporal que aumenta as potencialidades do praticante, eliminando neuroses e promovendo a harmonia social.

Por fim, esperamos que, por meio deste trabalho, tenhamos contribuído com as reflexões sobre a capoeira e sua prática. Almejamos ter levantado questões que fomentem outras discussões, trazendo a capoeira para dentro de outros campos do conhecimento (além da história), como o campo da filosofia e o da pedagogia.

Referências

AFONSO, Rubens. Um grito de liberdade: de zumbi a Reich. Curitiba: *Centro Reichiano*, 2005. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos>. Acesso em: 11 maio 2016.

BATISTA, Sandra Silva. *Psicomotricidade: reflexos no ensino e aprendizagem*. Brasília: UniCEUB, 2006.

CAMPOS, Hellio. *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba*. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/4986>>. Acesso em: 11 maio 2016.

CHERUBINI, Cristina Barbosa. *Pedagogia Libertária: um olhar histórico sobre os limites e possibilidades de sua implementação na escola pública brasileira*. Campinas: *Revista HISTEDBR On-line*, 2014. Disponível em: <periodicos.sbu.unicamp.br/>. Acesso em: 14 maio 2016.

FARAH, Marisa Helena Silva. *O corpo na escola: mapeamentos necessários*. São Paulo: *Paidéia*, 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/paideia>. Acesso em: 18 maio 2016.

FREIRE, Roberto; MATA, João da. *Corpo a corpo (síntese da soma)*. [S.l.]: [s.e.], 1993.

GALLO, Sílvio. *Pedagogia libertária e ideologia: vias e desvios da liberdade. Perspectiva*, Florianópolis, 1997.

GALLO, Sílvio. *Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação*. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

KUHN, Amanda Schmidt. As Técnicas da Vegetoterapia como Ferramenta para o Trabalho Psico-Corporal com Grupos. *Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal*, Curitiba, 2008. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos>. Acesso em: 11 maio 2016.

LEVIN, Esteban. *O corpo ajuda o aluno a aprender*. 2005. Disponível em: <<http://acervo.novaescola.org.br/formacao/esteban-levin-corpo-ajuda-aluno-aprender-423993.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.

MATA, João da. *A psicologia somática de Wilhelm Reich*. 2014. Disponível em: <<http://www.somaterapia.com.br/wp/wp-content/uploads/2014/11/A-psicologia-som%C3%A1tica-de-Wilhelm-Reich.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2016.

MOREIRA, Adriane Belmonte. *Corpo, saúde e medicina a partir da Filosofia de Nietzsche*. São Paulo: USP, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Hemus, 1977.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. *A Pedagogia libertária: um resgate histórico*. 2006. Disponível em: <www.proceedings.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 18 maio 2016.

PEREIRA, R, T, V, R; RICHTER, L,M. A saúde emocional desejada por Reich. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. *Anais...* Centro Reichiano, 2004. CD-ROM.

REVISTA *PRATICANDO CAPOEIRA*, Ano III, 2004, nº 25.

SERGIPE, Mestre. *O poder da capoeira*. Curitiba: Imprensa oficial, 2006.